

A IMPORTÂNCIA DOS CONTROLES GERENCIAIS PARA O AGRIBUSINESS

SILVANA DALMUTT KRUGER

Sady Mazzioni

ANTONIO ZANIN

JORGE LUIZ KLEIN DA ROCHA

Resumo:

O presente estudo aborda o uso dos controles gerenciais para a gestão das propriedades rurais. O objetivo do estudo é verificar, junto aos produtores agropecuários, a utilização da contabilidade como uma ferramenta de controle gerencial, visando a obtenção de informações relevantes para a gestão de suas atividades. Justifica-se a elaboração do estudo pela contribuição do agronegócio na economia brasileira. Os procedimentos metodológicos adotados caracterizam a pesquisa como exploratória, quanto aos objetivos; de levantamento, quanto aos procedimentos; e quantitativa, quanto à abordagem do problema. A pesquisa de campo adotou como instrumento de coleta de dados questionários aplicados em cem empresas rurais pertencentes à região de abrangência da Secretaria de Desenvolvimento Regional de Chapecó ? SC. Os resultados do estudo apontam que as entidades pesquisadas se constituem de pequenas propriedades, com predomínio da atividade agrícola e zootécnica. A mão-de-obra é essencialmente familiar, com poucos trabalhadores contratados. Há uma predominância, entre os empresários rurais pesquisados, em não separar as despesas particulares dos seus negócios agropecuários, não utilizando qualquer meio de anotação para a tomada de decisões. Ficou constatado que o produtor não conhece com convicção o custo de sua produção e o preço dos produtos é estabelecido pela cooperativa ou pela empresa compradora. As conclusões apontam para as dificuldades do produtor rural em conhecer e reconhecer a contabilidade como meio de identificar, mensurar e analisar as informações obtidas no desenvolvimento de suas atividades. Conseqüentemente, os produtores não conhecem com clareza o resultado obtido em cada período.

Área temática: *Controladoria*

A importância dos controles gerenciais para o *agribusiness*

Resumo

O presente estudo aborda o uso dos controles gerenciais para a gestão das propriedades rurais. O objetivo do estudo é verificar, junto aos produtores agropecuários, a utilização da contabilidade como uma ferramenta de controle gerencial, visando a obtenção de informações relevantes para a gestão de suas atividades. Justifica-se a elaboração do estudo pela contribuição do agronegócio na economia brasileira. Os procedimentos metodológicos adotados caracterizam a pesquisa como exploratória, quanto aos objetivos; de levantamento, quanto aos procedimentos; e quantitativa, quanto à abordagem do problema. A pesquisa de campo adotou como instrumento de coleta de dados questionários aplicados em cem empresas rurais pertencentes à região de abrangência da Secretaria de Desenvolvimento Regional de Chapecó – SC. Os resultados do estudo apontam que as entidades pesquisadas se constituem de pequenas propriedades, com predomínio da atividade agrícola e zootécnica. A mão-de-obra é essencialmente familiar, com poucos trabalhadores contratados. Há uma predominância, entre os empresários rurais pesquisados, em não separar as despesas particulares dos seus negócios agropecuários, não utilizando qualquer meio de anotação para a tomada de decisões. Ficou constatado que o produtor não conhece com convicção o custo de sua produção e o preço dos produtos é estabelecido pela cooperativa ou pela empresa compradora. As conclusões apontam para as dificuldades do produtor rural em conhecer e reconhecer a contabilidade como meio de identificar, mensurar e analisar as informações obtidas no desenvolvimento de suas atividades. Consequentemente, os produtores não conhecem com clareza o resultado obtido em cada período.

Palavras-chave: Agronegócios. Controladoria. Controles Gerenciais.

Área Temática: Controladoria.

1 Introdução

O notável desempenho da agropecuária, nos últimos anos, concedeu-lhe uma posição destacada na economia brasileira. O agronegócio, segundo dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA (2004), responde por 33,8% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) nacional, é responsável por 37% dos empregos gerados no país e representa 42% das exportações totais do Brasil.

O crescimento demográfico e a abertura econômica desencadeiam a crescente demanda por produtos de origem animal e vegetal. O *agribusiness* vem, desde 1990, se destacando em países produtores do setor agropecuário.

O Brasil destaca-se por ser um país pioneiro, de raízes extremamente agrícolas, por possuir terras e clima favoráveis, tecnologia de ponta e investimentos na qualificação de profissionais. Estes fatores são determinantes para a obtenção da qualidade e da alta produtividade em todas as áreas do setor agropecuário.

Acompanhando este cenário, o *agribusiness* tornou-se evidenciado em estudos técnicos e mercadológicos, em artigos e pesquisas nos diversos segmentos da atividade. Porém, em termos de gestão e controle, de apuração de resultado e de informações necessárias para o andamento das empresas rurais percebe-se, principalmente nas pequenas, uma carência de pesquisas e estudos.

Lemes (1996) enfatiza que as organizações rurais utilizam-se de uma contabilidade insuficientemente explorada quanto ao seu poder de identificar, registrar, mensurar e possibilitar a análise de fatos ocorridos, necessária na estruturação das informações para a tomada de decisões.

Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa é verificar junto aos produtores agropecuários o nível de utilização da contabilidade como uma ferramenta de controle gerencial, visando a obtenção de informações relevantes para a gestão de suas atividades.

Dentre as contribuições do estudo, está a de demonstrar a relevância da utilização da contabilidade como ferramenta de gestão, destinada a auxiliar no processo de controle e na tomada de decisões, visando a minimização de incertezas e a maximização da capacidade econômica e financeira das empresas rurais.

2 Contabilidade rural

A ramificação da contabilidade destinada às empresas rurais, ou seja, pessoa física ou jurídica detentora de um patrimônio rural, é denominada Contabilidade Rural. Na concepção de Crepaldi (1998, p. 76), possui as seguintes finalidades:

- orientar as operações agrícolas e pecuárias;
- medir o desempenho econômico-financeiro da empresa e de cada atividade produtiva individualmente;
- controlar as transações financeiras;
- apoiar as tomadas de decisões no planejamento da produção, das vendas e dos investimentos;
- auxiliar as projeções de fluxos de caixa e necessidades de crédito;
- permitir a comparação de performance da empresa no tempo e desta com outras empresas;
- conduzir as despesas pessoais do proprietário e de sua família;
- justificar a liquidez e a capacidade de pagamento da empresa junto aos agentes financeiros e outros credores;
- servir de base para seguros, arrendamentos e outros contratos;
- gerar informações para declaração de Imposto de Renda.

É perceptível a intenção da Contabilidade Rural em contribuir com a performance do empresário rural, fornecendo as condições necessárias para a gestão da empresa diante da competitividade do setor.

A importância da contabilidade é destacada por Grateron (1996, p. 71), ao relatar:

Considerando a abrangência do termo *agribusiness*, temos que tomar em conta a contabilidade como meio de: controle, apuração de custos, determinação de preços, fornecimento de informações para o processo de tomada de decisões, entre outras características não menos importantes que ajudam a garantir o sucesso, neste caso, da cadeia agroindustrial. A contabilidade está presente em cada um dos elos da cadeia.

Não obstante a importância da contabilidade para o setor agropecuário, a difusão e o uso parece ainda não ter atingido o nível desejado. Crepaldi (1998, p. 17) assevera que:

[...] a contabilidade rural no Brasil é pouco utilizada, tanto pelos empresários quanto pelos contadores. Isto acontece devido ao desconhecimento por parte dos empresários, da importância das informações obtidas através da contabilidade, da maior segurança e clareza que estas informações proporcionam nas tomadas de decisões. Acontece também devido à mentalidade conservadora da maioria dos agropecuaristas, que persistem em manter controles baseados em sua experiência adquirida com o passar dos anos. Desta forma abrem mão de dados reais que poderiam ser obtidos através da contabilidade.

Apesar das dificuldades e desconhecimentos em torno da ciência contábil, percebe-se a importância do seu uso para o setor agropecuário. Suas funções gerenciais visam a obtenção de informações que podem causar impactos positivos e relevantes nas atividades rurais.

3 Controladoria

Diante das especializações e da evolução da área contábil, nota-se, em evidência, a controladoria. Pereira (1996) argumenta que a controladoria, como uma área de responsabilidade, tem por função coordenar os gestores para alcançar os resultados esperados, gerando informações relevantes e oportunas para a tomada de decisões na organização.

Para Padoveze (2003, p. 3) a controladoria pode ser definida como:

[...] a unidade administrativa responsável pela utilização de todo o conjunto da Ciência Contábil dentro da empresa. Como a Ciência Contábil é a ciência do controle em todos os aspectos temporais - passado, presente, futuro -, e como Ciência Social exige a comunicação de informação, no caso a econômica, à Controladoria cabe a responsabilidade de implantar, desenvolver, aplicar e coordenar todo o ferramental da Ciência Contábil dentro da empresa, nas suas mais diversas necessidades.

Sendo assim, em relação às especificidades das empresas rurais, percebe-se que é relevante a utilização da controladoria que, através de suas técnicas de planejamento e controle, pode diminuir os impactos externos e assegurar que os internos sejam administrados de modo adequado pelo empresário rural.

Kanitz (1976) divide as funções da controladoria em seis sistemas destinados a fornecer ao empresário os dados e elementos necessários para tomarem-se medidas corretivas indicadas para melhorar o desempenho da empresa: informação, motivação, coordenação, avaliação, planejamento e acompanhamento.

No segmento agropecuário, percebe-se que as mudanças das empresas rurais ocorrem tão rapidamente como em empresas urbanas. Tais mudanças exigem flexibilidade, concretizada por informações, planejamentos, estratégias e controles confiáveis para o processo de gestão perante as adversidades competitivas originadas em consequência dessas transformações.

No entanto, de acordo com Medeiros (1999, p. 21), “os produtores rurais ainda não perceberam que é necessário haver uma estratégia competitiva para os seus negócios, buscando atingir uma agricultura moderna e comercial”. Desta forma, a entidade agropecuária que não possui controles gerenciais torna-se não-condizente com o perfil de outras empresas com maior poder de competitividade em uma economia globalizada.

Medeiros (1999, p. 22) afirma que:

Diante deste quadro, é premente que os produtores rurais - que historicamente nunca utilizaram da contabilidade e dos seus relatórios para a tomada de decisões – passem a incorporar ao seu perfil de administrador o emprego não somente da contabilidade, mas, sobretudo, da controladoria, mecanismo único capaz de lhes prover das informações necessárias à boa gestão do seu empreendimento.

Assim, a controladoria rural deve ser o mecanismo com o qual o produtor rural obtém as informações imprescindíveis para a eficiente administração de sua propriedade. Pereira (1996) enfatiza que a controladoria demonstra não apenas o uso eficiente dos recursos econômicos tradicionalmente concebidos, como terra, capital e trabalho, mas sim as questões econômicas de “o que produzir”, “como”, “quando”, “quanto”, “para quê” e “para quem produzir”.

Portanto, a controladoria rural aparece como uma ferramenta destinada à obtenção de informações precisas para a perfeita tomada de decisão do gestor rural, tanto econômica quanto financeira.

4 A empresa rural

A partir do século passado tornou-se evidente a importância dos negócios agropecuários na economia do país. Dessa forma, o produtor rural está passando por um período de transição e aos poucos vai deixando a tradicional postura de um simples agricultor para a de empresário rural.

Segundo Arbage (2000), a história da agricultura demonstra que havia a convivência concomitante de dois modelos distintos: um com características de subsistência, em que o agricultor produzia apenas para seu consumo próprio e seus excedentes eram levados ao mercado local como moeda de troca; e outro, a agricultura de *plantation*, caracterizado pelo início do ciclo econômico do país, com as produções de cana-de-açúcar, algodão, café, cacau, entre outras. Percebe-se que ainda existe a agricultura de subsistência, mas certamente com características comerciais mais evidentes, necessárias para atender as transformações e expansões econômicas e sociais experimentadas.

Diante das grandes mudanças e das novas dinâmicas dos negócios agropecuários e também dos demais setores econômicos do país, o ambiente de trabalho do produtor pode ser chamado de empresa rural. Marion (2000, p. 22) afirma que “as empresas rurais são aquelas que exploram a capacidade produtiva do solo através da terra, criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas”.

Segundo Santos, Marion e Segatti (2002), a empresa rural, no decorrer de sua existência, choca-se com fatores que afetam seus resultados econômicos, os quais são de natureza externa e interna. Os fatores externos são compostos por: preços dos produtos, clima, existência de mercado para os produtos, política de crédito e financiamento, transporte, disponibilidade de mão-de-obra na região, entre outros. Os fatores internos são caracterizados pelo tamanho da empresa rural, pelos rendimentos provindos de suas atividades, a escolha das culturas e das criações, a eficiência da mão-de-obra e dos equipamentos e, principalmente, a capacidade e as condições de gerenciamento do administrador ou do empresário rural.

O campo de atividade das empresas rurais, segundo Marion (2000), pode ser dividido em três grupos distintos: “produção vegetal: definida como atividade agrícola; produção animal: definida como atividade zootécnica; indústrias rurais: definida como atividade agroindustrial”. Embora haja estas divisões, é comum se verificar nas propriedades rurais o desenvolvimento de mais de uma atividade, em busca de uma renda maior.

5 Agribusiness

Em 1957, dois docentes da *Harvard Business School*, nos Estados Unidos, os professores John Davis e Ray Goldberg (apud RUFINO, 1999, p. 18), lançaram o conceito de uma nova realidade da agricultura, criando o termo *agribusiness* e definindo-o como:

[...] o conjunto de todas as operações e transações envolvidas desde a fabricação dos insumos agropecuários, das operações de produção nas unidades agropecuárias, até o processamento e distribuição e consumo dos produtos agropecuários “in natura” ou industrializados.

No Brasil, o termo *agribusiness* demorou algum tempo para tornar-se evidente. Na década de 80 aparece timidamente entre alguns grandes produtores. No final dos anos 90, o país começa a obter destaque perante o setor agrícola e o termo é difundido na economia nacional.

A comercialização de produtos agropecuários no Brasil possui uma significância extraordinária em sua economia. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o agronegócio é responsável, em média, por 33% do PIB, 42% das exportações totais e 37% dos empregos brasileiros. Entre 1998 e 2003, a taxa de crescimento do PIB agropecuário foi de 4,67% ao ano. Nos últimos anos, poucos países tiveram um

crescimento tão expressivo no comércio internacional do agronegócio quanto o Brasil. Os números do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento comprovam:

[...] em 1993, as exportações do setor eram de US\$ 15,94 bilhões, com um superávit de US\$ 11,7 bilhões. Em dez anos, o país dobrou o faturamento com as vendas externas de produtos agropecuários e teve um crescimento superior a 100% no saldo comercial.

Impulsionadas pelas vendas de carne, soja, produtos florestais, algodão, frutas, açúcar, tabaco e o cacau, as exportações brasileiras do agronegócio bateram um recorde histórico em 2004, segundo dados consolidados pela Secretaria de Produção e Comercialização do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o Brasil é o maior exportador e o segundo maior produtor de carne bovina do mundo. Entre 1990 e 2003, a produção de carne bovina aumentou 85,2% ou 6,1% ao ano, passando de 4,1 para 7,6 milhões de toneladas. Nesse período, a suinocultura cresceu 173,3% ou 12,4% ao ano. A produção de carne suína saltou de 1 para 2,87 milhões de toneladas. O complexo carnes, que inclui outros tipos do produto, destaca-se pelo alto investimento em pesquisa, por intermédio do melhoramento genético e na certificação de origem do produto, oferecendo aos consumidores alimentos seguros e de alta qualidade, muito diferente dos sistemas mantidos em outros países produtores.

Contudo, segundo Torres Jr., Rosa e Nogueira (2005), nos últimos anos, outros produtos desta cadeia produtiva ganham destaque, como o couro. Em 2004, de toda produção nacional, foram negociados no mercado internacional cerca de 67% do couro e 22% da carne.

Outros produtos do agronegócio brasileiro também ganham destaques mundiais. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) a produção nacional de grãos no ano de 2004 foi de 125 milhões de toneladas. Dentre as culturas com maior significância nas exportações, destaca-se o algodão, a soja, o amendoim, o arroz e o girassol.

A CONAB mostra que as exportações do complexo soja, ou seja, soja em grãos, farelo de soja e óleo de soja, cresceram cerca de 35% em 2004, detendo 38% do mercado mundial, sendo denominado como o “ouro do campo” e, conseqüentemente, como um dos produtos mais importantes para a economia nacional.

O café, de acordo com Furtado (2004), encontra-se como um dos produtos mais valorizados no exterior. O Brasil foi um país pioneiro no cultivo do produto. A economia brasileira no início do século XX dependia basicamente dele e o país era responsável por 80% das exportações mundiais. Na década de 1950, devido a incoerências na política cafeeira, muitos produtores optaram por outras culturas e a participação no mercado exportador caiu para 40%. Desde a década de 1980, o percentual encontra-se na casa dos 25%.

Outro produto que merece destaque no agronegócio brasileiro é o algodão. Bezerra (2004) observa que entre os anos de 2003 e 2004, a produção do algodão cresceu 46,3%, passando de 847 mil para 1,24 milhões de toneladas. Os principais estados produtores são: Mato Grosso, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

O Brasil possui uma grande competitividade em relação aos produtos extraídos da cana-de-açúcar. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento informa que:

[...] o país é o maior produtor mundial de cana, com uma área plantada de 5,4 milhões de hectares e uma safra anual de cerca de 354 milhões de toneladas. Em conseqüência disso, também é, naturalmente, o mais importante produtor de açúcar e de álcool. Em 2003, as exportações de açúcar atingiram 12,9 milhões de toneladas, com receitas de US\$ 2,1 bilhões, um resultado 2,2% superior ao registrado em 2002. Os principais destinos do nosso produto foram Rússia, Nigéria, Emirados Árabes Unidos, Canadá e Egito. A produção em 2003/2004 chegou a 24,8 milhões de toneladas de açúcar.

Infere-se também, que o Brasil possui representatividade no mercado internacional na produção de papel, celulose, floricultura, cacau, tabaco e também em produtos orgânicos, ou seja, produtos livres de agrotóxicos sintéticos.

A importância e o grande destaque do Brasil no *agribusiness* mundial encontra-se, no decorrer dos anos, em um crescimento extraordinário. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o crescimento decorre do fato do país possuir uma população superior a 170 milhões de habitantes, tendo um dos maiores mercados consumidores do mundo e absorvendo cerca de 80% da produção brasileira de alimentos.

Da produção agropecuária nacional, 20% é exportada para, aproximadamente, 200 países. Em 2003, o Brasil vendeu mais de 1.800 diferentes produtos do agronegócio para mercados estrangeiros. Além dos importadores tradicionais, como Europa, Estados Unidos e os países do Mercosul (Argentina, Uruguai e Paraguai), o Brasil tem ampliado as vendas dos produtos do seu agronegócio aos mercados da Ásia, Oriente Médio e África.

Dentre os 209 países compradores de produtos do agronegócio brasileiro, segundo a CONAB, destacam-se: Rússia, China, Coreia do Sul, Índia, Estados Unidos, Polônia, Inglaterra, Hungria, Arábia Saudita, Romênia, África do Sul, Turquia, Irã, Israel, Taiwan, Itália, Holanda, Japão, entre outros.

Percebe-se que o Brasil está vivenciando, devido à representatividade do *agribusiness* nacional, um grande processo de internacionalização na economia, o que torna a competitividade evidente em todos os segmentos da cadeia produtiva.

6 Método e técnicas de pesquisa

O método e as técnicas de pesquisa indicam o modo de realização do estudo. Beuren (2004) observa que, considerando as especificidades da Ciência Contábil, as tipologias da pesquisa podem ser classificadas em “pesquisa quanto aos procedimentos, quanto aos objetivos e quanto à abordagem do problema”.

A presente pesquisa caracteriza-se, quanto aos objetivos, como pesquisa descritiva. Na concepção de Gil (2006, p. 44), “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”. Uma das características mais significativas é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Em relação aos procedimentos, considera-se uma pesquisa de levantamento, que, no entendimento de Gil (2006, p. 70):

[...] se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.

Quanto à abordagem do problema, define-se como pesquisa quantitativa. Para Richardson (1999, p. 70):

O método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.

Quanto aos procedimentos de coleta e análise dos dados, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e questionário. Pesquisa bibliográfica porque, no anteparo teórico para a fundamentação do tema, realizou-se investigação em material publicado e indexado em base de dados, de cunho científico.

Em relação à forma, o questionário contemplou, conforme definição de Gil (2006), questões fechadas, dependentes e abertas. As questões fechadas apresentam ao respondente um conjunto de alternativas de resposta para que seja escolhida a que melhor representa sua situação ou ponto de vista; as questões dependentes são aquelas que dependem da resposta dada a uma outra; e, questões abertas apresentam a pergunta e deixam espaço em branco para que a pessoa escreva sua resposta sem qualquer restrição.

Foram pesquisadas cem entidades rurais da região compreendida pela Secretaria de Desenvolvimento Regional de Chapecó – SC, composta pelos municípios de Águas Frias, Caxambu do Sul, Cordilheira Alta, Coronel Freitas, Chapecó, Guatambu, Nova Itaberaba, Planalto Alegre, Serra Alta, Sul Brasil e União do Oeste.

A coleta de dados ocorreu no período de janeiro a abril de 2005. A análise e a interpretação dos dados foram efetuadas com o auxílio de tabelas e da técnica de análise descritiva.

7 Resultados da pesquisa

A aplicação do questionário pretendeu atingir o objetivo do estudo, que é verificar, junto aos produtores agropecuários, a utilização da contabilidade como uma ferramenta de controle gerencial, visando obter maiores informações sobre a gestão de suas atividades.

As questões efetuadas e os resultados do estudo são apresentados a seguir:

Tabela 1: Qual o tamanho da propriedade rural?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|------------------------|----------------------------|----------------------------|
| Entre 1 e 15 hectares | 52 | 52% |
| Entre 15 e 25 hectares | 25 | 25% |
| Entre 25 e 50 hectares | 16 | 16% |
| Entre 50 e 75 hectares | 5 | 5% |
| Acima de 75 hectares | 2 | 2% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Pela análise da Tabela 1, constata-se que há uma predominância de pequenas propriedades rurais. Esta característica se dá por questões históricas de colonização e também pelo fato da região pesquisada possuir um relevo acentuado, com a predominância da avicultura e da suinocultura.

Tabela 2: Quais as atividades desenvolvidas em sua propriedade rural?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|---|----------------------------|----------------------------|
| Atividade agrícola | 14 | 14% |
| Atividade zootécnica | 24 | 24% |
| Atividade agroindustrial | 0 | 0% |
| Atividade agrícola e zootécnica | 34 | 34% |
| Atividade agrícola e agroindustrial | 17 | 17% |
| Atividade zootécnica e agroindustrial | 1 | 1% |
| Atividade agrícola, zootécnica e agroindustrial | 10 | 10% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Observa-se, pela Tabela 2, a predominância da produção agrícola, juntamente com a zootécnica. Um fator determinante para esse resultado é o fato da maioria destes produtores

serem associados das cooperativas regionais. A associação os beneficia, garantindo a venda da produção, a assessoria e a capacitação do produtor rural no desenvolvimento de suas atividades.

Outro fator relevante é que 62% das empresas rurais pesquisadas desenvolvem mais de uma atividade, confirmando uma tendência do meio rural pela busca de melhores condições de renda, agregando valor às unidades produzidas.

Tabela 3: Quantas pessoas trabalham em sua propriedade rural?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|--------------------|----------------------------|----------------------------|
| Até 3 pessoas | 48 | 48% |
| De 3 a 5 pessoas | 42 | 42% |
| Acima de 5 pessoas | 10 | 10% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Verifica-se na Tabela 3, que em razão das propriedades rurais pesquisadas caracterizarem-se por pequenas áreas, há a predominância de até cinco trabalhadores nas entidades. Isso não as caracterizam como entidades novas ou recém-formadas, mas é resultado do êxodo rural ocorrido.

Tabela 4: Qual o número de trabalhadores contratados (terceiros)?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|--------------------|----------------------------|----------------------------|
| Não há | 78 | 78% |
| Até 4 pessoas | 18 | 18% |
| Acima de 4 pessoas | 4 | 4% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Os resultados da Tabela 4 mostram que 78% das propriedades rurais apresentam uma mão-de-obra exclusivamente familiar e 22% utilizam mão-de-obra contratada. Esse comportamento pode inibir o crescimento das atividades se a propriedade possuir potencial produtivo e não for explorado.

Os resultados coadunam o comportamento de grande parte das entidades rurais da região que, no decorrer de sua existência, mantêm as mesmas características, não apresentando sinais de crescimento, o que as torna vulneráveis perante às adversidades econômicas do setor.

Tabela 5: Qual a forma de contratação (terceiros)?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|---------------------------------------|----------------------------|----------------------------|
| São contratados quando há necessidade | 8 | 36,4% |
| São funcionários fixos na propriedade | 14 | 63,6% |
| Total | 22 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

A Tabela 5 evidencia que 63,6% das entidades rurais que possuem terceiros são funcionários fixos na propriedade e 36,4% são contratados quando há necessidade.

Tabela 6: Qual o faturamento bruto anual?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|------------------------------------|----------------------------|----------------------------|
| Até R\$ 12.000,00 | 29 | 29% |
| De 12.001,00 até R\$ 24.000,00 | 41 | 41% |
| De R\$ 24.001,00 até R\$ 48.000,00 | 16 | 16% |
| De 48.001,00 até R\$ 80.000,00 | 10 | 10% |
| Acima de R\$ 80.000,00 | 4 | 4% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Os dados da Tabela 6 mostram que: 29% das entidades rurais, no período da pesquisa, apresentavam faturamento de até R\$ 12.000,00 anuais, equivalentes a 3,33 salários mínimos mensais para o grupo familiar; 41% apresentavam faturamento entre R\$ 12.000,01 e R\$ 24.000,00 anuais, o que equivale de 3,33 a 6,66 salários mínimos mensais; 16% apresentavam faturamento entre R\$ 24.000,01 e R\$ 48.000,00 anuais, o que equivale de 6,66 a 13,33 salários mínimos mensais para a família; 10% apresentavam faturamento entre R\$ 48.000,01 e R\$ 80.000,00 anuais, o que equivale de 13,33 a 22,22 salários mínimos mensais; e 4% apresentavam faturamento superior a R\$ 80.000,00 anuais para o grupo familiar.

Tabela 7: Há a separação das despesas particulares daquelas dos negócios agropecuários?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|------------------|----------------------------|----------------------------|
| Sim | 14 | 14% |
| Não | 86 | 86% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

A separação das despesas particulares daquelas do negócio agropecuário verifica-se em apenas 14% das entidades pesquisadas, em 86% não ocorre tal segregação, conforme Tabela 7. Essa situação pode gerar distorções de análise nos resultados da atividade.

Tabela 8: Existem anotações simples (cálculos de custos, anotações sobre as despesas, cálculos sobre quanto precisa investir para o plantio entre outros) para a tomada de decisões?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|--|----------------------------|----------------------------|
| Sim | 11 | 11% |
| Não | 80 | 80% |
| Possuo anotações organizadas (planilhas) | 9 | 9% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Os resultados apresentados na Tabela 8 corroboram a discussão apresentada na revisão de literatura, de que as técnicas contábeis são pouco utilizadas. A pesquisa evidencia que 11% das empresas rurais utilizam algum tipo de anotação para a tomada de decisão, enquanto que em 80% das entidades não há qualquer meio de controle. Em apenas 9% ocorrem registros mais detalhados.

Perguntou-se também, se o produtor conhece o custo de cada atividade rural desenvolvida. Os resultados indicaram que em 84% das entidades rurais pesquisadas, o produtor não sabe, e 16% responderam possuir informações sobre o custo do produto.

Esse resultado gera preocupação, dado que a identificação do valor dos produtos é uma das principais informações geradas pela contabilidade de custos para contribuir na gestão das atividades, sejam produtivas, industriais, comerciais ou de serviços.

Tabela 9: Como é estabelecido seu preço de venda?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|---|----------------------------|----------------------------|
| Pelo valor informado pelo sindicato | 11 | 11% |
| Pelo valor estabelecido pela cooperativa ou pela empresa compradora | 72 | 72% |
| Você o define | 6 | 6% |
| Pelo valor oferecido pelo mercado | 11 | 11% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Pela Tabela 9, percebe-se que: 11% das empresas estabelecem o preço de acordo com os valores informados pelo sindicato; em 72%, o valor é estabelecido pela cooperativa ou empresa compradora; em 6%, o preço é definido pelo próprio produtor; em 11% das propriedades rurais questionadas, o valor é definido pelo mercado.

Observa-se que 94% dos produtores questionados dependem de preços estabelecidos por terceiros, não levando em consideração as especificidades de cada entidade rural ou a tipicidade do produto oferecido.

Em 6% dos casos, os produtores rurais questionados admitem definir os preços de venda. Isso sugere uma comercialização de pequena escala, diretamente da entidade rural ao consumidor final e a oferta de produto diferenciado com maior valor agregado.

Tabela 10: Você conhece qual o lucro de suas atividades?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|------------------|----------------------------|----------------------------|
| Sim | 9 | 9% |
| Não | 91 | 91% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Referente ao lucro de suas atividades, a Tabela 10 evidencia que 91% dos produtores questionados não conhecem com clareza o lucro obtido e apenas 9% o sabem. A ocorrência deste fato se dá devido à não-utilização de ferramentas contábeis.

Tabela 11: Algum órgão proporciona treinamentos para a qualificação de suas atividades?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|------------------|----------------------------|----------------------------|
| Sim | 88 | 88% |
| Não | 12 | 12% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Pela Tabela 11, nota-se que 88% dos produtores questionados já tiveram treinamentos para a qualificação de suas atividades e 12% ainda não tiveram nenhum tipo de curso de qualificação.

Tabela 12: Se a resposta anterior for afirmativa, qual o organismo? (pode haver uma ou mais respostas)

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|------------------|----------------------------|----------------------------|
| SEBRAE | 25 | 28,4% |
| CETREC | 20 | 22,7% |
| CIDASC | 3 | 3,4% |
| EPAGRI | 27 | 30,7% |
| Sindicatos | 9 | 10,2% |
| Outros | 4 | 4,6% |
| Total | 88 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Dos produtores que receberam treinamentos, a Tabela 12 mostra que 28,4% dos treinamentos proporcionados aos empresários rurais são ministrados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), 22,7% pelo Centro de Treinamento (CETREC), 3,4% pela Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC), 30,7% pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), 10,2% pelos Sindicatos e 4,6% por outros órgãos ou entidades.

Tabela 13: Que tipo de treinamento foi proporcionado? (pode haver uma ou mais respostas)

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|--|----------------------------|----------------------------|
| Destinado a melhorar a produtividade de sua empresa rural | 29 | 33,0% |
| Destinado a industrializar produtos | 20 | 22,7% |
| Destinado a melhorar a qualidade de vida em sua propriedade rural | 24 | 27,3% |
| Destinado à melhor gestão, controle e administração de sua empresa rural | 8 | 9,1% |
| Outros | 7 | 7,9% |
| Total | 88 | 100,0% |

Fonte: Rocha (2005)

Conforme se observa na Tabela 13, 33% dos produtores rurais já se submeteram a um curso destinado a melhorar a produtividade de sua empresa rural, 22,7% a industrializar produtos, 27,3% a melhorar a qualidade de vida na propriedade rural, 9,1% a uma melhor gestão, controle e administração de sua empresa rural e 7,9% dos empresários rurais a outros tipos de treinamentos diferenciados.

Esses resultados indicam que há uma preocupação na qualificação do profissional rural e, ao mesmo tempo, se observa uma carência em treinamentos destinados à qualificação da gestão da entidade rural.

Tabela 14: Qual o tipo de consultoria utilizada na sua empresa rural? (pode haver uma ou mais respostas)

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|-----------------------|----------------------------|----------------------------|
| Advogado | 0 | 0% |
| Contador | 4 | 4% |
| Agente da cooperativa | 62 | 62% |
| Engenheiro agrônomo | 26 | 26% |
| Nenhuma | 8 | 8% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

A Tabela 14 indica que nenhum dos produtores questionados utiliza os serviços de advogados para a consultoria da empresa rural, 4% utilizam contadores, 62% possuem

assessoria dos agentes das cooperativas, 26% servem-se de engenheiros agrônomos e 8% dos empresários rurais questionados não utilizam consultoria alguma.

Observa-se que há uma predominância de empresas que utilizam como consultores os agentes das cooperativas, em decorrência do serviço ser prestado sem ônus para o produtor associado.

Pode-se notar, também, que 26% das entidades rurais utilizam os serviços de engenheiros agrônomos. Via de regra, são profissionais contratados de estatais como a EPAGRI e a CIDASC, sendo seus serviços prestados por meio destes órgãos, sem onerar o empresário.

Percebe-se que o contabilista tem pouco acesso ao empresário rural na prestação de consultoria profissional. Um fator da possível ausência é o fato de seu trabalho ter que ser remunerado pelo próprio produtor, pois, até então, poucas empresas privadas ou estatais possuem este tipo de serviço disponível ao proprietário da empresa rural.

Questionou-se aos produtores que utilizam consultoria, se o serviço é remunerado. Apenas 8,7% pagam e 91,3% não são recompensados pelo produtor rural, mas fornecidos por empresas privadas e estatais através de contratos e convênios.

Tabela 15: Em sua opinião, qual a finalidade da contabilidade?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|--|----------------------------|----------------------------|
| Prestar contas ao fisco | 48 | 48% |
| Auxiliá-los no processo de gestão da sua atividade | 4 | 4% |
| Desconhece suas finalidades | 48 | 48% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Pela Tabela 15, observa-se que 48% dos produtores rurais pesquisados acreditam que a contabilidade possui a finalidade de prestar contas ou informações ao fisco, 48% desconhecem as finalidades e apenas 4% responderam que a contabilidade auxilia no processo de gestão de suas atividades.

Inferre-se pelas respostas que a contabilidade, no meio rural, ainda é tida como a serviço do fisco, não sendo utilizada para suas finalidades mais relevantes.

Tabela 16: Você pagaria por um serviço de contabilidade qualificado, destinado a auxiliá-lo na gestão, controle e administração de sua propriedade rural?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|------------------|----------------------------|----------------------------|
| Sim | 23 | 23% |
| Não | 77 | 77% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

Em relação à valorização do serviço prestado pelo profissional contábil, verifica-se, na Tabela 16, que 23% dos empresários questionados pagariam por um serviço qualificado e 77% não pagariam.

Percebe-se pela Tabela 15 e 16, que os empresários rurais praticamente não utilizam e desconhecem as finalidades e benefícios das técnicas contábeis para o processo de gestão.

Tabela 17: Se a resposta à questão anterior for “sim”, quanto você estaria disposto a pagar?

| Respostas | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|---|----------------------------|----------------------------|
| Até R\$ 100,00 | 9 | 39,1% |
| Até um salário mínimo | 3 | 13,0% |
| Conforme o faturamento bruto da empresa | 11 | 47,9% |
| Total | 23 | 100% |

Fonte: Rocha (2005)

A Tabela 17 evidencia que dos 23 empresários dispostos a pagar por um serviço qualificado, 39,1% pagariam até R\$ 100,00 pela consultoria mensal; 13%, até um salário mínimo; e 47,9%, conforme o faturamento bruto da empresa rural.

Perguntou-se aos entrevistados se haveria interesse em participar de cursos destinados à melhoria da gestão e controle de suas atividades. Os resultados indicaram que sim. Dos produtores entrevistados, 73% participariam de curso de qualificação e 27% julgam desnecessário.

O resultado desta pergunta indica que uma das maneiras do profissional contábil prestar seus serviços ao empresário rural é por meio de cursos de qualificação e assessorias, em que tem a oportunidade de mostrar a importância dos controles contábeis para a gestão dos negócios.

8 Considerações finais

A intencionalidade deste artigo foi evidenciar a importância do uso de controles gerenciais pelos produtores agropecuários, visando a obtenção de informações relevantes para a gestão de suas atividades.

A controladoria mostra-se decisiva ao dispor de técnicas de controle que originam informações decisórias das atividades; auxilia o gestor a agir sobre o comportamento da empresa; fornece as coordenadas para a decisão a ser tomada; demonstra como avaliar e interpretar os fatos ocorridos durante os processos dentro da empresa; proporciona subsídio para o planejamento de suas atividades futuras; e orienta o produtor rural no acompanhamento da evolução de todos os processos e planos traçados.

A importância da controladoria na área rural concretiza-se devido a sua capacidade de demonstrar informações de caráter econômico, como: “o que produzir”, “como”, “quando”, “quanto”, “para quê” e “para quem produzir”.

No decorrer do estudo foi possível verificar a importância do *agribusiness* na economia nacional, a representatividade da produção agropecuária e dos outros atores do agronegócio, além da participação do Brasil no mercado agrícola mundial.

A pesquisa de campo realizada nas empresas rurais permitiu perceber a pouca valorização e conhecimento do pequeno e médio produtor rural perante à contabilidade como ferramenta de gestão. Observou-se que há vários fatores que fazem com que o empresário rural não demonstre interesse por esta ciência:

- o produtor possui grandes dificuldades no decorrer de suas atividades, não se dando conta que em algumas delas um controle adequado poderia saná-las;
- a falta de motivação do produtor rural em relação às atividades que desenvolve;
- o conhecimento ser apenas empírico;
- a falta de iniciativa e de busca de novas alternativas para o desenvolvimento de suas atividades;
- a falta de valorização, pelo próprio produtor rural do meio em que vive;
- perfil geralmente conservador, não cedendo espaço para novos conhecimentos.

Os resultados obtidos no estudo permitem concluir que:

- 86% dos empresários rurais pesquisados não separam as despesas particulares dos negócios agropecuários;
- em 80% das empresas rurais questionadas, não há incidência da utilização de qualquer meio de anotação para a tomada de decisões;
- em 84% das empresas, o produtor não conhece com convicção o custo de sua produção;
- em 72% das empresas rurais, o preço dos produtos é estabelecido pela cooperativa ou pela empresa compradora;
- 91% dos produtores não conhecem com clareza o resultado obtido em suas atividades;
- 48% dos empresários rurais desconhecem a finalidade da contabilidade;
- 77% dos empresários rurais não pagariam por um serviço prestado pelo profissional contábil.

Observam-se dificuldades de atuação do profissional contábil nas pequenas propriedades rurais, ainda que a atividade possua diversas alternativas, muitas vezes complexas, que a ciência contábil pode ajudar a avaliar e controlar.

Outro resultado apontado no estudo é a realização de treinamento, por parte dos produtores rurais, para a qualificação de suas atividades. Considerando a relevância do treinamento e a importância da contabilidade como ferramenta de gestão, é possível inferir que poucos produtores possuem suas empresas rurais devidamente controladas e a grande maioria dependente, principalmente, de fatores externos.

Diante da importância do *agribusiness* para a economia e da relevância da contabilidade no processo de gestão das entidades rurais, sugere-se que empresas privadas, através de seus sistemas de integração (cooperativas, sindicatos e órgãos públicos), disponibilizem e forneçam ao pequeno empresário rural as condições para que possa acessar a Ciência Contábil e, conseqüentemente, conhecer suas finalidades, seus objetivos e seus benefícios para o processo de gestão de suas atividades.

Referências

ARBAGE, Alessandro Porporatti. **Economia rural**: conceitos básicos e aplicações. Chapecó: Grifos, 2000.

BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2004.

BEZERRA, José Augusto. Neve no cerrado. **Globo rural**: agropecuária e negócios. Globo, São Paulo, ano 19, n. 225, p. 26-33, jul. 2004.

BRASIL. CONAB. **Indicadores agropecuários**. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 26 abr. 2005.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agronegócio brasileiro**: uma oportunidade de investimentos. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 24 abr. 2005.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <<http://ipea.gov.br>>. Acesso em: 24. abr. 2005.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural**: uma abordagem decisorial. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

FURTADO, Rogério. A virada do café. **Globo rural**: agropecuária e negócios. Globo, São Paulo, ano 19, n. 224, p. 30-40, jun. 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GRATERON, Ivan R. Guevara. Contabilidade de animais difíceis de ser inventariados. In: MARION, José Carlos (Org.). **Contabilidade e controladoria em agribusiness**. São Paulo: Atlas, 1996.

KANITZ, Stephen Charles. **Controladoria**: teoria e estudos de casos. São Paulo: Pioneira, 1976.

LEMES, Sirlei. Contabilidade na agropecuária. In: MARION, José Carlos (Org.). **Contabilidade e controladoria em agribusiness**. São Paulo: Atlas, 1996.

MARION, José Carlos. **Contabilidade rural**: contabilidade agrícola, contabilidade da pecuária, imposto de renda pessoa jurídica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEDEIROS, Jesiomar Antonio de. **Agribusiness**: contabilidade e controladoria. Guaíba: Agropecuária, 1999.

PADOVEZE, Clóvis Luis. **Controladoria estratégica e operacional**: conceitos, estrutura, aplicação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

PEREIRA, Elias. Controladoria, gestão empresarial e indicador de eficiência em *agribusiness*. In: MARION, José Carlos (Org.). **Contabilidade e controladoria em agribusiness**. São Paulo: Atlas, 1996.

PÓLOS PRODUTORES DE FRUTAS. **Agroanalysis**: a revista de agronegócio da FGV. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, vol. 25, nº 3, p. 27-28, mar. 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (Org.). **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Jorge Luiz Klein. **Controladoria e gestão em agribusiness**: a importância de controles gerenciais para as empresas rurais. 2005. 90 f. Monografia (Conclusão do curso de Ciências Contábeis) - Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó.

RUFINO, José Luís dos Santos. **Origem e conceito do agronegócio**. Informe agropecuário. Belo Horizonte: Epamig, 1999.

SANTOS, Gilberto José dos; MARION, José Carlos; SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

TORRES JR., Alcides de Moura; ROSA, Fabiano R. Tito; NOGUEIRA, Maurício Palma. Como andam os negócios. **Agroanalysis**: a revista de agronegócio da FGV. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, vol. 25, n. 3, p. 36-37, mar. 2005.